

# Diversão & Arte

EM ENTREVISTA AO CORREIO, O CINEASTA JAPONÊS HIROKAZU KORE-EDA, SETE VEZES INDICADO À PALMA DE OURO EM CANNES, FALA SOBRE O UNIVERSO QUE ANIMA A MOSTRA RETROSPECTIVA EM CARTAZ NO CCBB

» RICARDO DAEHN

Por qualquer ângulo em que se observe a carreira do diretor japonês Hirokazu Kore-Eda, que fará 63 anos na próxima sexta-feira, a visão é de sucesso. Até mesmo nas fissuras de famílias em crise, que o cinema dele bem retrata, brotam sementes de esperança: "Aprendi a ver 'ausência' e 'perda' como aberturas para a possibilidade de crescimento ou transformação", conta, em entrevista exclusiva ao *Correio*. Hábil em comandar tramas que colam os espectadores a personagens múltiplos, nem sempre balizados por moral incorruptível, Kore-Eda sabe puxar "vínculos de empatia", como salienta Raquel Gandra, artista visual, cineasta e curadora da retrospectiva O Cinema de Hirokazu Kore-Eda (em cartaz, de graça, no CCBB).

Até o próximo dia 22, em 36 sessões, será possível desvendar os filmes que bem destrincham relações humanas refinadas, sob a ótica do cineasta nascido em Tóquio. Há sete anos, veio um auge na carreira do diretor, com a repercussão do longa *Assunto de família* (2018), vencedor da Palma de Ouro e ainda com uma indicação a melhor filme internacional no Oscar. O Prêmio do Júri havia despontado, cinco anos antes, com *Pais e filhos* (2013). O percurso de Kore-Eda, em Cannes, já diz muito do reconhecimento de sua linguagem e aceitação universal: por sete vezes concorreu ao prêmio máximo, integrou duas vezes a mostra *Um Certo Olhar* e, em 2024, foi escolhido como membro do júri do evento.

## Entrevista// Hirokazu Kore Eda, cineasta

**Como viu o impacto da pandemia na sociedade, considerando que nos seus filmes há muito de temas como luto e doença?**

Tenho a impressão de que a pandemia acelerou muito a fragmentação da sociedade. A única "janela" pela qual as pessoas se conectavam passou a ser a tela do computador e, com esse estreitamento de perspectiva, descartar o que não se entende tornou-se a norma. É um estado muito prejudicial à saúde.

**Existe uma distinção clara entre linguagens ou estilos cinematográficos no Japão, Coreia, Taiwan ou China? Código culturais asiáticos foram bem assimilados?**

Não creio que haja diferenças significativas na narrativa ou no estilo. Se existem diferenças, elas provavelmente vêm menos de origens étnicas ou nacionais e mais da experiência pessoal de cada cineasta com o cinema — como eles foram criados por meio do cinema. Assim como podemos não compreender totalmente as realidades do Ocidente, acredito que as pessoas no Ocidente — a menos que estejam muito familiarizadas com a Ásia — lutam para entender as diferenças culturais aqui, especialmente além das políticas ou históricas. Há uma tendência a agrupar tudo sob um rótulo vago estipulado como "asiático".

**Gerações descartaram tradições centenárias, não? Como nota a influência da tecnologia entre jovens e idosos?**

Como muitos japoneses, não possuo o que se poderia chamar de uma "fé" sólida. O que existia eram mais costumes ou tradições. Meus pais nasceram na década de 1920 e pertenciam a uma geração mais velha, então, apesar de ter nascido e crescido em Tóquio, eu ainda estava exposto — por pouco — a alguns costumes e práticas sazonais agora desaparecidos. Se esses tinham ou não elementos religiosos não é a questão. O que é inegável é que, desde a década de 1970, as especificidades regionais desapareceram rapidamente e deram lugar à homogeneização. As tradições foram inegavelmente arrasadas.

**Como vê a cristalização de público cativo em relação às animações?**

Em vez de ser simplesmente estabelecida, a animação parece ter se tornado central. Acho que está até mudando a maneira como assistimos a filmes. Está se tornando um evento, e acredito que essa mudança só vai se acelerar. Parece muito próximo de uma experiência que considero? Hayao Miyazaki, Katsuhiko Otomo, Satoshi Kon e Mamoru Hosoda.

**Famílias fragmentadas e desfeitas frequentemente aparecem em seus filmes... O que aprendeu com o cinema em relação a união e reencontro?**

Aprendi a ver "ausência" e "perda" como aberturas para a possibilidade de crescimento ou transformação.

**O senhor conhece muito do cinema latino-americano? Qual é a percepção do Brasil?**

Não estou muito familiarizado, e até me desculpo. Mas conheço o trabalho de vários cineastas excepcionais. *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, foi chocante. Também gostei muito de "O jardineiro fiel". Adorei *Diários de motocicleta*, de Walter Salles — quando o conheci, pedi que ele autografasse meu DVD. Estou ansioso pelo seu próximo filme (*Ainda estou aqui*).

Da Argentina, o segredo dos seus olhos, de Juan José Campanella, deixou uma profunda impressão. Quanto ao México: Amores brutos, de Alejandro G. Iñárritu, me marcou profundamente. Com esse filme, me tornei fã de Gael García Bernal. Por causa de Gael, também adorei *E tua mãe também*, de Alfonso Cuarón. E, claro, incluindo Guillermo del Toro, tive a oportunidade de conhecer os três diretores conhecidos como "Três Amigos", que mais tarde prosperaram em Hollywood. Sou especialmente próximo de del Toro — mantivemos uma relação calorosa. Quanto ao Brasil, participei como jurado na Mostra de Cinema de São Paulo. Infelizmente, estava muito ocupado e não consegui fazer muitos passeios turísticos. Gostaria muito de visitar novamente.



# Cinema da...



VOOS COM SINGULARIDADE

Diamond Films/Divulgação



**BROKER — UMA NOVA CHANCE**

Dias 7, às 16h30, e 22, às 18h30. A estreia do mestre japonês no cinema coreano rendeu ao ator central Song Kan-ho (*Parasita*) prêmio de ator, no Festival de Cannes. O filme dispõe de traços policiarescos, cômicos e ainda de road movie, para contar enredo com jovem mãe (Ji-eun Lee) incapaz de amar uma criança pouco desejada. A trama alinha dados de fertilidade e de abandono, com aceno para boa dramaticidade.

Imovision/ Divulgação



**MONSTER**

Dias 7, às 14h, e 21, às 18h30.

A interação de personagens maquiavélicos dá a largada neste filme com sólido roteiro de Yuji Sakamoto. Os meninos Minato (Soya Kurokawa) e Yori (Hinata Hiragi) sofrem mais do que bullying, numa opressão movida até mesmo pelo professor Hori (Eita Nagayama). Destaque para a trilha de Ryuichi Sakamoto.

**ASSUNTO DE FAMÍLIA**

Dias 12, às 16h30, e 17, às 19h.

Afundada em contravenções, a família Shibata passa longe de ser modelo. Não bastasse o excesso de gente no núcleo, surge a jovem Yuri (Miyu Sasaki), adotada por todos, com um quê rude. Para além do amor demonstrado pela avó Hatsue (Kiki Kilin), o filme ainda investe em temas como abandono, sem nada de moralismo. No fundo, o interesse do diretor é mostrar a inesperada ponte de afinidade ente personagens e o público.



Reprodução/Internet